

Cardoso assina acordo com os credores

Toronto — O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e os representantes dos principais bancos credores do Brasil assinam hoje aqui, o acordo de reestruturação e redução de 35 bilhões de dólares da dívida externa brasileira de médio e longo prazos. O ministro chegou ontem no início da tarde à capital financeira do Canadá, depois de passar o fim de semana em Nova Iorque.

No início da noite, está previsto um encontro com o ministro canadense do Comércio, Roy McLaren, e em seguida uma homenagem com um jantar oferecido pelo governo do Ottawa. Hoje ele toma café da manhã com empresários e se reúne depois com William R. Rhodes, o vice-presidente do Citibank, o maior credor individual do País e coordenador das negociações do lado dos bancos.

A cerimônia de assinatura será realizada às 11h no hotel Four Season, a dez quadras do Sheraton, o local onde há 11 anos e dois meses o mundo tomou conhecimento da crise da dívida do Terceiro Mundo, durante uma assembléia anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

O acordo, que foi negociado nos últimos dois anos e meio, substituirá um outro, que o governo Sarney firmou em setembro de 1988, para pôr fim à moratória que decretara em fevereiro de 1987, e descumpriu em meados de 1989. Em princípio, o novo acordo deveria encerrar a "crise da dívida brasileira".

Dúvidas — Mas as dúvidas sobre a aceitação e implementação do programa de austeridade que Fernando Henrique apresentará esta semana ao País põem em dúvida este desfecho. Os repetidos fracassos de sucessivos governos de eliminar o déficit fiscal, restaurar o crédito público e conter a inflação explicam o colapso dos acordos e as duas moratórias da dívida feitas pelo Brasil.

Embora a cerimônia de hoje represente um importante passo nos esforços do País de normalizar sua relações com a comuni-

ISAAC AMORIM



Cardoso: convencer banqueiros

dade financeira internacional, a assinatura não é garantia de que o acordo vingará.

Para que isso ocorra, o Governo terá que, nas próximas semanas, convencer o Congresso, os agentes econômicos, a opinião pública brasileira e, finalmente, o Fundo Monetário Internacional, sobre a consistência e viabilidade política de seu programa, algo que equipes econômicas não conseguiram. Sem o aval do FMI, o Tesouro americano não venderá ao Governo os aproximadamente 2,8 bilhões de dólares em títulos que ficarão sob custódia do banco central dos EUA, como garantia brasileira aos credores.

Cansados da crise brasileira, os bancos estão interessadíssimos em concretizar o negócio. É com esse espírito que seus representantes celebrarão a assinatura do acordo, num almoço do qual participarão, além do ministro, o presidente do Banco Central, Pedro Malan (que negociou com os credores), o negociador demissionário André Lara Resende, e os embaixadores do Brasil no Canadá, Sérgio Duarte, e nos Estados Unidos, Paulo Tarso Flecha de Lima, que veio especialmente para a ocasião.

Mas a debilidade política do governo Itamar e o efeito paralisante da investigação dos escândalos do Congresso não inspiram confiança ou otimismo nos meios financeiros oficiais e privados americanos sobre as chances de sucesso da nova tentativa de estabilização da economia brasileira que Fernando Henrique está para iniciar.